



REFLEXÃO BÍBLICA

“Ressurreição: das cinzas às brasas na praia do mar de Tiberíades

“Logo que pisaram a terra, viram brasas acesas, com peixe em cima, e pão”. (Jo 21,9)

Pe. Adroaldo Palaoro, SJ

3º Domingo da Páscoa — Ano C

O relato da última aparição de Jesus ressuscitado aos seus discípulos tem uma cena belíssima. Novamente juntos, na praia e entre redes, como no começo; novamente diante de um trabalho cansativo e ineficaz, como tantas vezes; novamente a dureza de cada dia, em um cotidiano sem Jesus, como antigamente.

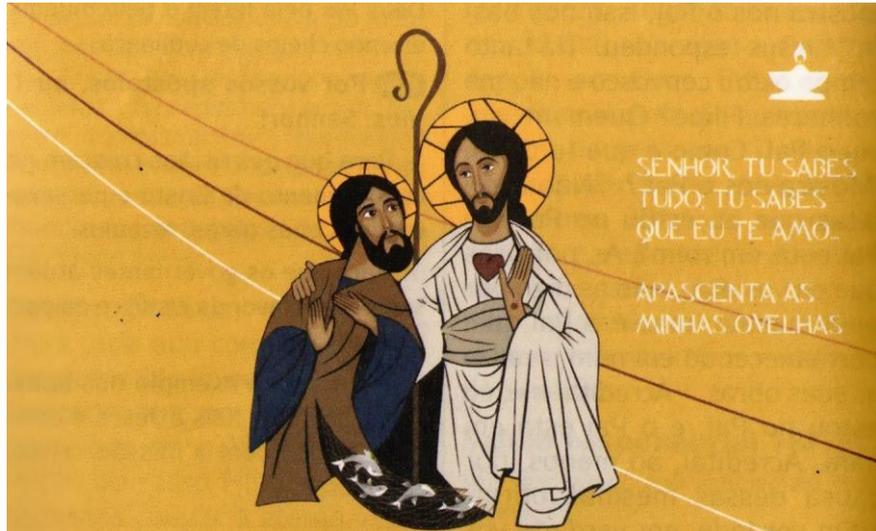


Ilustração: IAS Agência (Liturgia Diária da Paulus, maio'2025 - p.26)

No relato deste domingo, **a comunidade eclesial é representada por sete discípulos** (Pedro, Tomé, Natanael, Tiago, João e mais dois discípulos anônimos). No pensamento semítico, **sete é o número simbólico da plenitude**. Nos sete discípulos está representada **a plenitude do novo Povo de Deus, a Igreja**. Mas, dos sete discípulos só cinco são nominados. Como no Evangelho de João, tudo é simbolicamente elaborado, também esse detalhe tem seu significado.

Podemos dizer que, **nessa comunidade dos sete, nem todos encontraram a sua identidade**. Estão em busca de um nome. Tudo ainda está aberto. **Os discípulos anônimos também representam aqueles que mais tarde crerão em Cristo e farão parte** da nova comunidade do Reino.

Os relatos das aparições nos Evangelhos nos põem em contato com a situação de uma longa **série de pessoas desoladas**. O “golpe” da Sexta-feira Santa não pôde ser bem interpretado, de imediato, por aquele grupo de pescadores e que tinha convivido com Jesus. Todos “fizeram mudança” em tempo de desolação. As esperanças se perderam, a bondade de Deus parecia se esconder para sempre, a lembrança de Jesus fora reduzida a um cadáver a respeitar, e, quem sabe, uma bonita história a esquecer.

O vazio, o abandono, a solidão, a escuridão da noite, a rotina do trabalho corriqueiro domina a paisagem do relato da aparição do Ressuscitado junto ao mar de Tiberíades. O que mudou na cotidianidade pós-pascal da comunidade? Aparentemente, tudo voltou à normalidade da vida corriqueira.

No entanto, a presença e o reconhecimento do Senhor dão ao trabalho profissional da pescaria uma nova dimensão. Não se trata mais de uma simples pescaria. **Pescaria e pescadores** tornam-se imagem da plenitude da vida e da unidade da missão.

Pedro e João representam qualidades humanas que precisam ser integradas na vida de cada um e nas comunidades: **ação e contemplação, liderança e amabilidade.**

No retorno à praia, depois da abundante pesca, encontram algumas brasas, que recordam aquela fogueira em torno à qual, alguns dias antes, o velho pescador Pedro jurou não conhecer Jesus, negando-o três vezes. Agora, junto ao fogo irmão, Jesus lava com misericórdia a fraqueza de Pedro, transformando para sempre seu barro frágil em pedra fiel. A fidelidade e o amor de Jesus, sua graça sempre pronta, o humaniza de novo, reconstruindo sua vida e reativando em Pedro a liderança para o serviço. Sem ironia, sem indiretas, sem pagamento de dívidas atrasadas. Por pura graça, gratuitamente.

O Pedro que emerge das cinzas, atravessado pelo fogo terapêutico do amigo Jesus, é um Pedro corajoso, decidido, mas também muito mais amoroso, capaz de superar preconceitos antigos. Jesus percebe que por debaixo das cinzas da negação e da traição de Pedro está escondida a nobreza de um homem que precisa ser ativada.

O mundo e o contexto social e religioso no qual vivemos não é o mesmo dos primeiros discípulos. No entanto, se a vida cristã tem alguma coisa a dizer ao mundo atual, não pode se fixar nos velhos moldes de uma religião fria, arcaica, centrada no ritualismo e no legalismo, entupida de cinzas e carente de brasas vitais. **A essência do cristianismo está na identificação com o Crucificado-Ressuscitado**; somos seguidores(as) de uma Pessoa que pôs abaixo uma religião tóxica, que alimentava medo, culpa e angústia.

O que os cristãos precisam claramente, neste momento de desânimo e de abatimento, não é de resignação medrosa, mas de **vida e vitalidade**. Precisam da ardente fé para empreender novos caminhos, com entusiasmo renovado e sem temor.

A vida cristã não morrerá se ativarmos as brasas das bem-aventuranças em nosso interior. Esse é o fogo que nunca se apaga, deixado por Jesus. **Segui-lo significa viver no calor de sua intimidade, de sua amizade.**

Se o cristianismo sofre um esvaziamento no momento presente, talvez seja porque se rende com muita facilidade diante do perigo de extinção, sem se dar conta do que significa **“manter as brasas e avivar o fogo”**. Onde deveria reinar a ousadia reina a resignação e a passividade; onde deveria estar presente o ardor, a criatividade, encontra-se a frieza, a indiferença, a petrificação da vida. A tentação consiste em fazer da sobrevivência a máxima aspiração, em vez de viver a vida plenamente, com toda profundidade e o entusiasmo que essa vocação cristã exige.

Foi isso que o Ressuscitado fez ao encontrar-se com os seus amigos e amigas: reacendeu as brasas do amor, da compaixão, da amizade, da missão, do sonho do Reino...

A **“vida ressuscitada”**, mais que prudência, conformidade ou conservadorismo que pretendem preservar as coisas do passado em lugar de sua sabedoria, **requer audácia**, precisa de membros adultos que resistam ao envelhecimento da vida e de jovens que resistam ao envelhecimento da alma.

Somos já “seres ressuscitados” e esta certeza não justifica uma vida ancorada numa maneira tradicional de “pescar”. A capacidade de lançar as redes do outro lado do barco revela criatividade, ousadia e desejo de sair do túmulo do tradicional e da normose (normalidade doentia). A capacidade de arriscar é a virtude que faz a ponte entre a vida cristã atual e o novo que está para vir.

É preciso passar das “cinzas” dos conflitos, ódios, intolerâncias... às brasas da praia do mar da Galileia: brasas de vida, de amor, de encontro, de partilha, de amizade, de missão.

Ali, as brasas são fogo, calor, alimento, eucaristia, páscoa, paz, comunidade...

A comunidade cristã é novamente reconstruída pelo Ressuscitado em torno às brasas, e não em torno às leis frias, aos ritos vazios, às devoções estéreis...

Estamos vivendo tempos de profundas mudanças, mas também emocionante e santo, para a Igreja. Existem poderosas brasas debaixo das cinzas. O único que temos de fazer para avivar a chama é acolher o momento e vivê-lo com intensidade até suas últimas consequências.

Se não se pode agregar carvão ao fogo, então é preciso enterrar as brasas, levá-las a novos lugares para que possam arder de novo. **Como manter o fogo neste momento?** Agregar carvão e proteger as brasas são, simplesmente, diferentes partes do mesmo processo chamado vida em Deus, crescimento no compromisso, na espiritualidade, na santidade: “*em sabedoria, idade e graça*”.

No interior do Brasil, **onde o fogão a lenha é ainda comum**, as pessoas têm o hábito de enterrar, à noite, as brasas entre as cinzas, e assim **manter vivo o fogo** até a manhã seguinte.

Em lugar de limpar completamente o fogão, conservam-se as brasas incandescentes debaixo de camadas de cinza para poder acender o fogo rapidamente no dia seguinte. A preocupação principal é, pois, **não deixar que o fogo do dia anterior se apague completamente ao final da jornada**. Pelo contrário, as brasas escondidas debaixo da cinza durante a longa e escura noite ficam bem protegidas **para que o fogo possa voltar de novo à vida**, com as primeiras luzes da manhã.

O velho fogo não morre, mas conserva o seu calor, a fim de estar preparado para acender o novo fogo. A verdadeira questão é se permanece ainda suficiente fogo debaixo das cinzas de nossa vida para suscitar a energia necessária a fim de tornar nossa vivência cristã mais autêntica e comprometida. O encontro com o Ressuscitado é confirmação da missão recebida: “*Tu me amas? Apascenta...*”

Texto bíblico: Jo 21,1-14

Na oração: Todos e cada um de nós, que vivemos hoje o seguimento do Ressuscitado, **somos portadores do novo fogo**. Cada um de nós é transparência de sua vida.

— Para vislumbrar o amanhã, o que temos de fazer é olhar para nós mesmos e nos perguntar: “*brotava uma energia profunda no meu coração? Percebe-se nele o desejo de um compromisso com o Evangelho? Há lugar para a audácia, a coragem, o fogo novo...? Ou se apagou o antigo fogo? É a vida agora simplesmente questão de suportar os dias e agir por inércia ou ela é lugar da criatividade, do calor humano, da energia inspiradora? Permanecem algumas brasas sob as cinzas da minha vida cristã?*”